



14 a 18 de Novembro de 2014
ConFAEB
 Ponta Grossa - PR
 II CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES
 XXIV CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL



DEPARTAMENTO DE ARTES
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
 FEDERAÇÃO DOS ARTE/EDUCADORES DO BRASIL (FAEB)

Tema: Arte/Educação Contemporânea:
 metamorfoses e narrativas do ensinar/aprender.

Modalidade: Comunicação Oral GT: Artes Visuais Eixo
 Temático: Ensinar e Aprender em Artes Visuais na Escola

ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO E LEITURA DE IMAGENS PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: exercitando a Cultura Visual na formação inicial do artista-professor.

Maria Suelly dos Santos Barroso (IFCE- Campus Fortaleza-Ceará- Brasil)
 Gilberto Andrade Machado (IFCE- Campus Fortaleza-Ceará- Brasil)

RESUMO

Pesquisa em ensino de Artes Visuais que discute algumas experiências de produção e de leitura de imagens desenvolvidas pelos alunos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais - CLAV do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE como estratégias do ensino de Artes Visuais no ensino básico. Para tanto, exercitou-se metodologias específicas do ensino de Artes Visuais propostas na formação inicial do artista-professor-pesquisador, em especial aquelas que levam em consideração algumas experiências de subjetivação identificadas nas práticas culturais de visualidade. Relata-se a dinâmica do Laboratório de Produção de Imagens - LAPIM e as contribuições deste na implantação das estratégias apresentadas. Destas, enfatizam-se experiências com fanzines. A sala de aula propicia muitas oportunidades de produzir e de ler imagens. Essas imagens devem privilegiar o cotidiano e a cultura dos alunos, negociando com as imagens do repertório universal de artes visuais. As manifestações da cultura visual não são apenas de ordem cognitiva ou prazerosa, mas dispositivos que organizam experiências de aprendizagem e de autonomia. Portanto, os alunos já não são meros consumidores, mas também produtores e divulgadores de imagens. Usar apenas imagens de arte e de artistas europeus, excluindo dessa relação as expressões visuais das periferias é um modo perverso de elitizar o ensino de Arte. A produção contemporânea merece ser discutida também na escola.

Palavras-Chave: ensino de Artes Visuais; artista-professor-pesquisador; cultura visual.

STRATÉGIES DE PRODUCTION ET DE LA LECTURE DES IMAGES POUR
 L'ÉDUCATION D'ARTS VISUELS À L'ÉCOLE PRIMAIRE : exercice de culture
 visuelle sur formation inicial de l'artiste-enseignant.

SOMMAIRE

Recherche dans l'enseignement des arts visuelles qui traite quelques expériences de production et de la lecture d'images prises par les élèves du cours de diplôme en Arts Visuelles -CLAV de l'Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE Pour ce faire, exercé des méthodologies spécifiques d'enseignement des Arts visuelles proposés dans la formation initiale de l'artiste-enseignant-chercheur, en particulier ceux qui tiennent compte des expériences de subjectivation identifié les pratiques culturelles de visualité. Il est rapporté la

production du Laboratoire de Production des Images-LAPIM et les contributions de cela dans la mise en œuvre des stratégies présentées. Parmi ceux-ci, met l'accent sur des expériences avec des fanzines. L'école offre de nombreuses possibilités de produire et de lire des images. Ces images doivent se concentrer sur la vie quotidienne et la culture des élèves, portant sur les images du répertoire universel des Arts visuels, les manifestations de la culture visuelle ne sont pas seulement d'ordre cognitif ou agréable, mais les dispositifs qui organisent des activités éducatives et l'autonomie. Par conséquent, les étudiants ne sont plus simples consommateurs mais aussi des producteurs et diffuseurs d'images. Utilisez uniquement des images d'art et d'artistes européens, à l'exclusion de cette relation, les expressions visuelles des périphéries est elitizer l'enseignement de l'art de manière perverse. La production contemporaine mérite d'être aussi abordée à l'école.

Mots-clés: enseignement des arts visuelles; artiste-enseignant-chercheur; de la culture visuelle.

Introdução

Hernandez (2000, 2009) destaca a relevância da visualidade produzida pelas novas mídias na construção das subjetividades de crianças e jovens nas sociedades contemporâneas e como as experiências desse público são trabalhadas pela educação escolar. Com a utilização de imagens virtuais popularizadas desde a década de 1990, muitos artistas utilizam-se delas para desenvolver narrativas híbridas de gêneros e propostas produzidas na vida cotidiana. Assim, as práticas artísticas têm se alterado e, aquilo que chamamos de arte, expandiu-se no cotidiano pela publicidade e pelas redes sociais.

O autor questiona se a escola utiliza os saberes produzidos por essas práticas, se as legitima ou as ignora, já que a finalidade dos estudos da cultura visual na educação das artes visuais é despertar questionamentos e um senso crítico das experiências vividas no cotidiano. Sob várias perspectivas: proselitista, analítica, performativa, autorreflexiva, Hernandez (2009) argumenta que as manifestações da cultura visual não são apenas de ordem cognitiva ou prazerosa, mas dispositivos que organizam experiências de aprendizagem e de autonomia. Portanto, os alunos já não seriam meros consumidores, mas também produtores e divulgadores de imagens.

Nesse sentido, o grande desafio do artista-professor-pesquisador é compartilhar no ambiente de aprendizagem as referências da cultura visual que os alunos trazem para a escola, tornando-as questionamentos para investigação. Muitos professores desconhecem as culturas que convivem na escola, por isso mesmo a insistência num modo de valorar artefatos e ideias próprios de um determinado grupo social ou de um período histórico, esquecendo-se da produção visual do presente.

Romper com as dualidades que condicionam as subjetivações a espaços geográficos e sociais requer outra perspectiva para o ensino de Artes Visuais que inclua práticas de experiências numa direção mais performativa daquilo que se entende como ensino de Arte na escola. A disciplina Arte não se sustenta sozinha dentro de nenhum currículo, a sala de aula também não comporta atividades que agradem ou favoreçam a todos. Proporcionar atividades não só de artes ou de esportes com a livre adesão dos alunos pode ser uma forma de dar visibilidade às culturas que circulam na escola.

Embora os alunos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CLAV do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE vivenciem experiências artísticas com diferentes materiais e instrumentos que ampliam os limites da linguagem visual, apropriar-se delas para compartilhá-las em distintos contextos

educativos exige dos licenciandos autonomia para trafegar numa zona da terceiridade. Segundo Irwin (2008, p.91), a terceiridade é uma zona fronteiriça que pode e deve ser estimulada na graduação, nela “a tradição não constitui mais a verdadeira identidade: no lugar disso, existem múltiplas identidades”, isto é, uma zona que exige reinvenções dos modos de criar, de pesquisar e de aprender para apreciar e representar o mundo.

Invocando as formas do pensamento aristotélico: *theoria, praxis e poiesis*, a autora desenvolveu o acrônimo a/r/t (*artist-researcher-teacher*) como uma forma de

[...] apreciarmos e entendermos que os processos e produtos envolvidos na criação da obra de arte, não importando se são objetos ou tarefas profissionais, são formas exemplares de integração entre saber, prática e criação. Os processos e produtos são experiências estéticas nelas mesmas, pois integram as três (ou possivelmente mais) formas de pensamento. (Irwin, op.cit., p. 92.)

A autora reconhece que arte, pesquisa e docência não são objetos, mas vivências recriadas e ampliadas por indivíduos no seu cotidiano. Enquanto produzem imagens os artistas-professores-pesquisadores representam também suas questões pessoais e compreensões do mundo, vivenciando a prática docente exercitam suas posições pedagógicas e, quando escrevem sobre elas, colocam em suas reflexões interpretações desse modo de estar no mundo.

Para Pimentel (2010), a pesquisa em ensino de Artes estuda os objetos que estão mais diretamente ligados ao trabalho docente, o trabalho em campo e no cotidiano escolar. Pode-se dizer que esta é a categoria base da pesquisa, uma vez que se estudaram algumas formas de ensinar Artes Visuais. Assim, a experiência de aprender a ensinar e aprender a pesquisar, associou exercícios etnográficos e práticas coletivas de produção de imagens partindo de conteúdos temáticos previamente definidos no grupo pesquisador, dialogando com os alunos sobre a relevância destes temas quando mediados pelas relações culturais e pelos meios de produção de imagens.

De modo mais específico, objetivou-se exercitar metodologias para produção de material didático em Artes Visuais que contemplassem a estética do cotidiano como fonte de aprendizagem, discutindo aportes teóricos da Cultura Visual na formação inicial de professores de Artes Visuais.

A equipe pesquisadora inicial contava com apenas duas bolsistas de iniciação científica, porém, no decorrer do processo outros bolsistas de iniciação à docência foram incluídos na produção e na coleta de dados. Para a construção de alguns tópicos desse texto utilizou-se das reflexões desenvolvidas nos relatórios de Trabalho de Conclusão de Curso -TCC por alguns licenciandos que participaram em diferentes momentos da equipe pesquisadora. Destacam-se aqui as contribuições de Carlos (2014), Marques (2014) e Vale (2014).

Percurso metodológico

Esse estudo associa algumas práticas e técnicas de pesquisa educacional. Considerando o interesse dos pesquisadores de interferir no ambiente observado, provocando mudanças no âmbito do espaço escolar pode-se dizer que se trata de uma pesquisa-ação (Matos, 2002). Articular princípios que pudessem facilitar o entendimento de como ativar a pesquisa em sala de aula no cotidiano do trabalho docente animou os pesquisadores a tratar os alunos como sujeitos do processo. Em

alguns momentos utilizou-se da observação participante e de algumas ações do tipo etnográfico.

Desse modo foi criado o Laboratório de Produção de Imagens - LAPIM que se originou do planejamento coletivo desenvolvido pela equipe pesquisadora numa dinâmica que envolvia participação supervisionada de uma dupla de licenciandos em sala de aula; a prática de oficinas de Artes Visuais e a montagem de exposições com a produção visual dos alunos no ambiente da escola pesquisada. A concepção de laboratório envolvia não só a experimentação de instrumentos e materiais específicos das artes visuais, mas, o trânsito entre os conhecimentos produzidos nessas oficinas e as demais disciplinas do currículo escolar, em especial aquelas alocadas na área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias.

No ambiente do LAPIM desenvolveu-se várias metodologias sobre leitura e produção de imagens. Embora se fale com certa familiaridade da Abordagem Triangular o importante não era “ensinar estética, história e crítica da arte, mas desenvolver a capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos acerca de imagens e de arte” (BARBOSA, 2005, p.64). Entretanto, articular essas ações demanda uma estrutura de planejamento que não pode ser improvisado, limitando-se apenas a produção de artefatos para uma exposição.

Marques (2010) comentando suas experiências com a Abordagem Triangular a partir de sua prática como professora de dança desdobra a tríade da arte (fazer, apreciar e contextualizar) em mais duas tríades, uma de ensino (conhecer-se, conhecer o outro, conhecer o meio) e outra de sociedade (vívda, percebida e imaginada). Essa ideia de um tripé em que arte, ensino e sociedade criam interseções como um espaço de reconhecimento e ampliação do diálogo do indivíduo consigo mesmo e de forma não hierárquica com os conhecimentos que circulam nos grupos sociais se aproximam do planejamento desenvolvido no LAPIM. O ensino de Artes Visuais não se limitou ao campo dessa linguagem, mas das conexões que os alunos fizeram com as demais linguagens artísticas e a vida cotidiana.

A pesquisa de campo desenvolveu-se entre agosto de 2012 e dezembro de 2013 numa escola pública de ensino fundamental e médio da região sudoeste de Fortaleza. Essa região é composta por dezoito bairros e é administrado pela Secretaria Executiva Regional V. Tem se configurado nas últimas décadas como zona de conflitos sociais que tem deixado a população juvenil vulnerável a criminalidade e a violência. Embora muitas escolas dessa região recebam apoio de programas do governo, ainda é alto o índice de evasão escolar.

Com a inserção do CLAV no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/IFCE em agosto de 2012 e a boa acolhida nessa escola, solicitou-se ao grupo gestor autorização para desenvolver aí também esse projeto de iniciação científica. Desde então, havia um planejamento integrando as ações pedagógicas, tanto dos bolsistas de iniciação científica como os de iniciação à docência. Assim, as estratégias de produção e de leitura de imagens passaram a ser alvo das experiências metodológicas em todas as ações educativas desenvolvidas pelo LAPIM. Essa integração de projetos aperfeiçoou a supervisão de coleta e análise de imagens aproximando todos os bolsistas de discussões mais pontuais sobre as metodologias que mediam o cotidiano escolar.

Uma observação inicial deu-se na classe de Educação de Jovens e Adultos - EJA. Com essa classe trabalhou-se uma cartografia afetiva, isto é, estimulou-se os alunos a grafarem de forma poética suas experiências cotidianas no bairro. Baseado em questionários aplicados anteriormente e na descrição imagética dos lugares desenhados pelos alunos, duas pesquisadoras fizeram um percurso para coleta de

fotografias desses lugares que foram apresentadas em sala de aula como uma das intervenções didáticas

As fotografias trabalhadas em sala foram coletadas pelas bolsistas nos bairros Conjunto Ceará (onde se localiza a escola) e Granja Portugal (onde a maioria dos alunos morava). Estes bairros foram delimitados pela Prefeitura Municipal de Fortaleza em 1989, mas como não existe uma indicação aparente desses limites, essa delimitação era difícil de ser percebida e até ignorada por alguém de fora; no entanto, a identificação do espaço geográfico pelos alunos foi bem definida. Todos os lugares mostrados nas fotografias foram reconhecidos.

Ao mesmo tempo em que se adentrava nesse universo, compartilhava-se uma dimensão do ensino de Arte que até então não se discutia no CLAV e que merecia integrar a formação inicial do artista-professor-pesquisador. Se inicialmente o objeto de estudo era o funcionamento das aulas de Arte na EJA para propor estratégias de intervenções didáticas pontuais nesse universo, com a integração dos projetos à escola e suas classes, independente dos níveis e modalidades de ensino, ampliou-se as possibilidades de implementar estratégias para produção e coleta de imagens.

Nesse sentido o LAPIM, entre agosto e dezembro de 2012, ofereceu uma série de oficinas de ilustração e de fotografia no horário da tarde e intermediário tarde/noite. Cada oficina teve dois módulos, um inicial e outro intermediário, num total de 60 horas cada, ofertando até quinze vagas por oficina, preenchidas por livre adesão. Por isso mesmo, havia alunos oriundos de diferentes classes e faixas etárias.

Esse foi o período mais profícuo da pesquisa, uma vez que as ações coletivas planejadas encontravam ressonância na bibliografia revisada, comprovando na prática a eficácia de metodologias que puderam ser compartilhadas na sala de aula, dentro da escola e fora dela.

A produção desse período compôs o acervo de duas exposições, a primeira montada em junho, na própria escola e outra montada em agosto, no Centro Cultural do Bom Jardim - CCBJ, equipamento cultural da Prefeitura Municipal de Fortaleza, que oferece atividades artísticas e culturais, além de cursos de formação para os jovens do bairro.

Para os licenciandos, compreender as ações desenvolvidas no LAPIM exigia o confronto de duas práticas pedagógicas identificadas na literatura como prática reiterativa e prática reflexiva (BIASOLI,1999) e toda a carga de dúvidas que elas contêm. Enquanto na primeira existe uma repetição por vício ou ignorância das ações planejadas, na segunda o artista-professor-pesquisador pode redesenhar caminhos, questionar e refazer experimentos, duvidar das certezas e ousar possibilidades e utopias em parceria com os alunos. Para Tourinho, (2013, p.67) “a prática da pergunta é então, uma aliada dos processos de pesquisa. Perguntar, elaborando questões abertas e provocativas – desestabilizando respostas reduzidas a “sim” ou “não”-, passa a ser um exercício contínuo que acompanha o pesquisador”; sem deixá-lo conformado com resultados aparentes que valorizam apenas os métodos.

As oficinas de ilustração

A ilustração no mundo contemporâneo tem características particulares para cada mercado, já que vende ideias, bens e produtos para públicos diferenciados. No caso das oficinas de ilustração discutiram-se aspectos da ilustração para o mercado

gráfico, valendo-se da estratégia metodológica de produção coletiva de fanzines¹, *pack music*² e de narrativas visuais a partir de textos selecionados pelos licenciandos.

Uma dupla de licenciandos trabalhou um conto de J.K. Rowling, autora britânica que escreveu *Harry Potter*, uma série de aventuras fantásticas que ganhou popularidade gerando filmes e videogames. Como alguns alunos já conheciam a obra da autora, a intenção era mostrar outros trabalhos dela. A atividade começou com a leitura compartilhada, seguida de discussão sobre o texto e a produção imagética com desenhos e pinturas.

Segundo Marques (2014), trabalhar com textos escritos tornou-se desafiante nessa turma, devido a grande maioria dos alunos apresentarem dificuldades com a leitura e a escrita. No início, houve muita resistência ao fato de eles elaborarem suas próprias histórias, o que já não acontecia quando lhes eram pedidos desenhos. Para tentar amenizar essa resistência, a dupla procurou trabalhar alguns textos que parecessem mais “atraentes” para o contexto cultural deles, usando textos de literatura fantástica, adolescente, que envolvesse, ainda que simbolicamente, situações que estão mais próximas da realidade deles do que as abordadas nos livros clássicos que são mais comumente utilizados no currículo formal.

Ainda que nessas poucas aulas tenha se estimulado o hábito de ler, este não foi tão arraigado. Entretanto, percebeu-se que ao ler esses textos, eles melhoraram a organização de suas ideias, e acabaram por relacioná-las a outros elementos culturais como o que assistiam na televisão, o que viam na internet e o que acontecia nos bairros onde moravam. Nesse ponto, foram auxiliados pela dupla de licenciandos nos aspectos estruturais do texto, como a organização de um roteiro, com início, meio e fim, assim como com o uso correto da Língua Portuguesa. Freire (1983) já sustentava que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e, nesse caso, toda leitura é influenciada pela experiência de vida do leitor. Então, era importante que essa aproximação com o ato de ler fosse entrelaçada aos repertórios e vivências dos alunos.

Carlos (2014), em uma oficina, utilizou como metodologia a confecção de um *storyboard*³, desenvolvendo esboços gráficos dos momentos significativos da narrativa em pequenos quadros em uma folha avulsa. Selecionaram-se as passagens mais icônicas do texto, resultando inicialmente numa sequência de dez quadros. Na segunda rodada, refez-se o exercício em oito quadros e assim sucessivamente até chegar a uma imagem ilustrativa. Embora estivesse disponível giz de cera preto e carvão, os alunos optaram por trabalhar apenas papel branco e lápis preto. Como o tempo de aula da oficina não foi suficiente para a conclusão da imagem, alguns alunos pediram para finalizar em casa e trazê-la pronto na aula seguinte. Todos recorreram à ideia de desenvolver um desenho, partindo de outros que eles mesmos fizeram, na medida em que se diminuía o número de quadrinhos.

A outra metodologia utilizada foi o fanzine que vem sendo utilizado como recurso didático para desenvolver várias habilidades e conhecimentos dos alunos do ensino formal e informal, uma vez que para produzir um fanzine é necessário planejar

¹ *Fanzine*: vem de *fanatic magazine* e significa revista do fã, mas pode ser entendido como uma publicação de cunho independente, geralmente com pequenas tiragens, editadas por fãs e/ou entusiastas de alguma arte, passatempo, gênero ou expressão artística. Tal iniciativa costuma ser produzida e distribuída através de formas alternativas, fora das grandes estruturas comerciais de produção cultural. Fonte: <http://blablonski.blogspot.com.br/2008/04/o-que-fanzine.html> acesso 19/08/14.

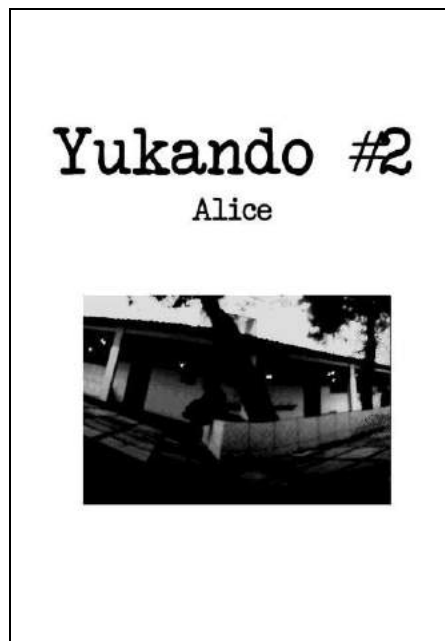
² *Pack music*: o termo se refere a um tipo de embalagem de CD de músicas. Em geral, os mais conhecidos são aqueles industrializados feito em acrílico.

³ *Storyboard*: Série de imagens ou desenhos, em papel, que mostram a progressão de um vídeo ou animação. Fonte: <http://www.dicio.com.br/storyboard/> acesso em 20/08/14.

a diagramação, o que deve estar escrito e/ou ilustrado, entre outras situações. Segundo Pinto (2012), o fanzine como recurso pedagógico ainda tem presença muito tímida no ensino, contudo o formato permite trazer muitas questões para a sala de aula como as que dizem respeito à autoria, ao exercício da cidadania, à cultura que nos cerca, entre outros pontos positivos. No caso desta prática, as questões que emergiram eram concernentes ao repertório visual que os alunos traziam como referências do cotidiano.

Houve três experiências com fanzine. Na primeira experiência foi dado um tema livre, enquanto na segunda trabalhou-se uma das histórias da menina Alice, escrita originalmente por Lewis Carroll⁴ que foi sendo apropriada e recontada ao longo dos anos. Os alunos que participaram das duas atividades eram em sua grande maioria os mesmos; por conseguinte, foi possível fazer análises comparativas. A terceira experiência aconteceu numa ação conjunta com o professor de Física e foi desenvolvida por outra dupla de licenciandos. Essa experiência se estendeu por seis aulas, sendo que nas duas primeiras aulas foi discutido com os alunos o tema e o conteúdo do fanzine; na terceira e quarta aulas foi feita a produção propriamente dita das páginas, sendo quatro páginas por aluno, e nas duas últimas avaliou-se a produção e as formas de montar uma exposição para divulgá-las. Essa foi uma das atividades que se repetiu em outro momento do LAPIM, quando outro fanzine (vide fig.1) foi feito como atividade final da oficina de fotografia.

Figura 1: Capa do fanzine Yukando #2



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Carlos (2014)

Noutra atividade, o fanzine foi trabalhado a partir da *Fita de Möbius*⁵. Segundo Vale (2014), esta proposição foi a que melhor ilustrou as potencialidades desse experimento, já que nele foi observado uma articulação complexa e elaborada de meios que aparentemente são díspares como Artes Visuais e Física. O autor ressalta

⁴ Lewis Carroll: romancista britânico autor do clássico Alice no País das Maravilhas.

⁵ Fita de Möbius é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar meia volta numa delas. Deve o seu nome a August Ferdinand Möbius, que a estudou em 1858.

que a *Fita de Möbius* vai muito além do universo físico, no sentido *stricto* ela, na verdade, pertence ao domínio da Matemática, fator esse que só enriqueceu essa experiência.

A figura 2 mostra o resultado de um fanzine totalmente incomum, não só no seu aspecto conceitual, mas, em sua apresentação formal, que permite ao leitor uma experiência estética, própria da Arte Contemporânea, por tratar de aspectos como o hibridismo. Neste sentido, o hibridismo “consiste na produção de arte concretizada por meio das mais variadas técnicas, materiais e suportes, ligando linguagens artísticas e caracterizada pelo não pertencimento a uma única vertente ou categoria” (SIMÃO, 2008, pp.9-10).

Figura 2: Fanzine na fita de Möbius



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Vale (2014).

Nessas estratégias de trabalho validou-se uma concepção de Cultura Visual que, segundo Barbosa (2011, p. 294), “considera a cultura e as visualidades como matérias-primas da arte, e a arte como campo expandido para as outras mídias”. Os fanzines foram veículos para que os alunos, além dos conteúdos aprendidos em outras oficinas, trabalhassem em equipe visualidades e subjetividades inerentes a eles. Foram valiosos na medida em que trabalharam a autoria e o intercâmbio entre imagem, linguagem e visualidades. Foi importante, também, como objeto de integração entre alunos, entre alunos e professores, saberes anteriores e saberes recentemente adquiridos, e entre as variadas linguagens.

Outra atividade desenvolvida foi um *pack music*, que tinha como ponto de partida se pensar num produto individual: como se cria uma imagem para um conjunto de músicas? O primeiro passo foi listar as músicas que seriam gravadas num CD; em seguida foi projetar como seria essa embalagem, planejando a ordem das imagens do encarte, a imagem da capa e contracapa, e por último a execução desse planejamento.

Assim, propor uma ilustração como produção para *pack music*, implicava discutir com os alunos não apenas os gostos individuais, mas também como a

ilustração traduzia ideias da indústria fonográfica que eram divulgadas e consumidas pelos apreciadores de música, deslocando com o pensamento visual outras ideologias.

Figura 3: Pack Music produzido pelo aluno B



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Carlos(2014).

Percebeu-se nessas atividades alguns modos como os licenciandos negociavam suas aprendizagens acadêmicas com suas poéticas pessoais, aglutinando leituras e reflexões em práticas educativas relevantes. No cotidiano das oficinas revelava-se no mesmo indivíduo, aspectos do artista-professor-pesquisador tão discutidos nas proposições didáticas da faculdade.

As experiências dos alunos ganhavam no contexto das oficinas narrativas e visualidades híbridas, nas quais emergiam alguma compreensão crítica do papel das práticas sociais e das relações de poder as quais elas se vinculavam. Produzir imagens era não só uma forma de apresentar ideias nem sempre legitimadas dentro da escola, como a pichação, por exemplo. Mas, sobretudo de aprendizagens de procedimentos e instrumentais até então inusitado para os alunos.

Aconteceram, ainda, oficinas de fotografia quando foram apresentadas formas de captar imagens por meio de câmeras artesanais e os processos químicos de revelação e ampliação de fotografias. Nesse momento, a turma explorou as possibilidades visuais e gráficas que envolviam a imagem, por exemplo, a fotocópia (mais comumente conhecida como *xerox*) como forma de fotografia.

Também se trabalhou a leitura de imagens em classes preparatórias para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e atividades específicas para os professores de outras disciplinas interessados nas metodologias desenvolvidas nas oficinas. Nessas duas experiências percebeu-se uma mudança positiva na forma como a disciplina Arte foi tratada na escola. Tanto pelos alunos que ao se depararem com as questões da leitura de imagem, conseguiam deslocar esse raciocínio para outros campos do conhecimento, como para alguns professores que agregavam algumas metodologias das artes visuais às disciplinas que lecionavam.

Considerações finais

As intervenções dos licenciandos em sala de aula com os conteúdos de Artes Visuais foram avaliadas positivamente pelos professores da escola, que afirmaram desconhecer discussões sobre a Cultura Visual, e que perceberam nos alunos um interesse maior pelas questões que envolviam a cartografia visual do bairro.

Trabalhar conteúdos de Artes Visuais em sala de aula ainda é um grande desafio, haja vista predominar nas matrizes curriculares ofertadas pela Secretaria de Educação, uma visão polivalente e equivocada desses conteúdos. Estes mesmos documentos oferecem poucas referências teóricas e raramente discutem metodologias específicas de ensino de Arte.

A maioria dos professores que leciona essa disciplina não tem formação específica e muitos deles têm graduação em Letras, de modo que se utilizam de algumas atividades artísticas como ferramenta para trabalhar conteúdos próprios da Língua Portuguesa. De forma que, ilustrar graficamente textos poéticos ou interpretar gêneros literários tem sido lugar comum nas aulas de Arte.

Os professores da disciplina Arte e a coordenadora pedagógica da escola pesquisada, em conversas informais realizadas durante o planejamento escolar com os licenciandos, confirmaram a necessidade de uma ambiência de arte que extrapole a sala de aula, que propicie uma integração da comunidade escolar e que valorize a produção imagética dos alunos.

Ficou comprovado nessas breves experiências, que a aprendizagem artística não se resume aos conteúdos isolados da disciplina Arte na sala de aula e, ainda que os níveis e as modalidades de ensino tenham suas peculiaridades, é imprescindível a contribuição de professores de Arte habilitados nas linguagens específicas. Esta aprendizagem pode servir de ponte entre os desejos do aluno e o despertar de habilidades até então desconhecidas.

As oficinas de Artes Visuais organizadas pelo LAPIM constataram que se o aluno descobre na escola algo que oportuniza prazer e bem estar, ele vai respeitar e valorizar positivamente esse ambiente. O LAPIM foi ao mesmo tempo espaço de conhecimento e de construção de utopias para melhor interagir consigo, com outros e a escola. A modalidade de oficina requer livre adesão dos alunos para funcionar a contento. É possível sim, oportunizar aulas de Artes Visuais e oficinas de excelente qualidade com baixo custo dentro da própria escola.

Com isso, a pesquisa em ensino de Arte renova e amplia o próprio sentido da disciplina no contexto escolar. Experimentar e expandir novas metodologias de ensino/aprendizagem em Artes Visuais requer compromisso e responsabilidade dos licenciandos. A sala de aula propicia muitas oportunidades de produzir e de ler imagens. Essas imagens devem privilegiar o cotidiano e a cultura dos alunos, negociando com as imagens do repertório universal de artes visuais. Usar apenas imagens de arte e de artistas europeus é um modo perverso de elitizar o ensino de Arte. A produção contemporânea merece ser discutida também na escola.

Não se pode mais substituir o professor de Arte com habilitação específica por outro professor apenas para completar carga horária. É preciso mais concursos para contratar novos professores de Arte e desfazer essas distorções jurídicas e gerenciais que acontecem na maior parte das cidades brasileiras.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte: dos anos 1980 e novos tempos.** 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. A cultura visual antes da cultura visual. **Revista Educação**. Porto Alegre, v.34, n.3, p.293-301, set./dez. 2011.

BIASOLI, Carmen Lucia Abadie. **A formação do professor de arte: Do ensaio... a encenação**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

CARLOS, Paulo Cesar da Silva. **Aventuras na sala de aula: a prática artística em desenho na iniciação à docência em artes visuais**. Monografia de TCC em Artes Visuais Fortaleza: CLAV/IFCE, 2014.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: Uma mestiçagem Metonímica. In: BARBOSA, Ana Mae & AMARAL, Lilian (Org.). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: Editora Senac, 2008, pp. 87-104.

MATOS, Kelma & VIEIRA, Sophia. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MARQUES, Izabel. De tripé em tripé: o caleidoscópio do ensino da dança. In: BARBOSA, Ana Mae & CUNHA, Fernanda Pereira (orgs). **Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 52-63.

MARQUES, Geisa Gomes. **Areia e sangue: o uso de narrativas como recurso para o estudo de conteúdos de artes visuais**. Monografia de TCC em Artes Visuais Fortaleza: CLAV/IFCE, 2014.

PEREIRA, Juliana Cristina. Cartografias afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. **R. Ra' e Ga**. Curitiba, v. 30, p. 106-130, abr/2014. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/view/36087>> acesso em 18/08/14.

PINTO, Renato. Fanzine como um recurso pedagógico nas aulas de Educação Física. In: **Anais do IV Seminário de Metodologia do Ensino de Educação Física**. Disponível em: <<http://www.gpef.fe.usp.br/semef2012/>> acesso em 12 de dezembro de 2013

PIMENTEL, Lúcia. Fluir, Contextualizar e Experimentar como possível estratégia básica para investigação e possibilidade de diversidade no ensino de Arte: o contemporâneo de vinte anos. In: BARBOSA, Ana Mae & CUNHA, Fernanda Pereira (orgs.). **Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 211-228.

PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção**. Campinas: Papyrus, 1993.

SIMÃO, Selma Machado. **Arte híbrida: entre o pictórico e o fotográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

TOURINHO, Irene. Metodologia(s) de pesquisa em Arte/Educação: o que está (como vejo) em jogo? In: DIAS, Belidson & IRWIN, Rita (orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, pp. 63-70.

VALE, Charles Vasconcelos. **Formas de r(existência): a arte contemporânea como prática educativa no ensino básico**. Monografia de TCC em Artes Visuais Fortaleza: CLAV/ IFCE, 2014.

Gilberto Andrade Machado

Professor da Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal do Ceará, campus Fortaleza. Doutor em Educação Brasileira (UFC) Coordenador de Gestão do PIBID/IFCE. Líder do IRIS – Grupo de Estudos da Formação de Professores de Artes Visuais <http://lattes.cnpq.br/3764709459727514>

Maria Suelly dos Santos Barroso

Licencianda em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Ceará, campus Fortaleza. Pesquisadora do IRIS- Grupo de Estudos da Formação de Professores de Artes Visuais investiga práticas educativas e narrativas de ensinar/aprender Artes Visuais. <http://lattes.cnpq.br/2973853238486556>